

Universidade de São Paulo

Disciplinas: PGI-5003 (pós-graduação).

Temas e Prática em Relações Internacionais - Relações Internacionais na construção da nova era.

Professores: Jacques Marcovitch e Pedro Dallari.

Estudante: Maria Paula Baêso Moura - 11717003

27/08 – Jacques Marcovitch Novo normal ou nova era frente às crises 2020

Nesse que foi o primeiro seminário, realizado pelo professor Jacques Marcovitch, foi onde delimitou-se os conceitos, ferramentas e objetivos do curso como um todo. Afinal, como se encaixa às Relações Internacionais na construção da nova era?

Como o professor apontou, com a pandemia do COVID-19, quatro crises foram desencadeadas: a sanitária envolvendo desde compra de ventiladores até busca conjunta pela vacina; uma crise econômica afetada diretamente pelas restrições de circulação advindas do vírus; uma social que escancarou a desigualdade social com o exemplo da diferença de classe e raça daqueles que mais morrem com a doença e um crise política que no caso brasileiro se mostrou com a má gestão frente à pandemia, como os estados e instituições de pesquisa tomando a liderança na defesa da população.

Toda essa imprevisibilidade frente a crise fez com que novas soluções tivessem que ser buscadas. E é nesse quadro do “novo”, da “criação”, que uma nova era pode ser construída. Para a construção desse novo, professor Marcovitch afirma, é necessário que se entenda o passado, se estude o presente que para assim consigamos construir o novo através da consciência disseminada dos riscos, governança estratégica, capacidade de inovação e contínuo reposicionamento das organizações.

Nós, dentro da universidade, temos um grande papel em tudo isso, que é o de construir um espaço de debate de qualidade, onde teoria e prática se alinham para os objetivos descritos no parágrafo anterior. A disciplina de TPRI, com a sua interdisciplinaridade junto das aulas de grandes nomes que ocuparam e ocupam cargos de grandes responsabilidades, é um exemplo disso. É através de espaços de criação de conhecimento assim que poderemos atingir objetivos como os expostos no texto indicado a leitura “Nova economia para o Brasil” da Creative Commons, em

que busca-se benefícios socioeconômicos através da adoção de novas políticas, no caso, a sustentabilidade.

03/09 – Pedro Dallari Mecanismos institucionais de RI e as crises 2020.

O seminário ministrado pelo professor Pedro Dallari foi de grande importância para o entendimento dos textos indicados para leitura e para aprofundar a compreensão do que será o mundo pós pandemia do COVID - 19.

Durante sua fala, professor Dallari, apresentou o que seriam os atores do direito internacional, sendo eles os Estados, definido pela ordem jurídica soberana em um território sobre uma população. As Organizações Internacionais, que compostas pelos Estados, criam “vida própria” e atuam nas relações inter e também intraestatais. O Ser Humano, como portador de direitos que ditam relações e também as Empresas Multinacionais e as Organizações Não Governamentais, que embora atores não são sujeitos ao direito internacional já que permanecem sobre os direitos dos Estados.

Dada essa explicação, podemos compreender melhor, sobre a perspectiva do direito internacional, quais são as perspectivas para o mundo depois da crise do novo coronavírus, resposta que o professor respondeu em texto com o mesmo nome (2020). O texto em questão, e também o texto *The integration of the law in a politically fragmented world*. (DALLARI, 2017) são fundamentais para entender que a megatendência da integração mundial e do multilateralismo está acima de governos com discursos contrários a essa direção.

Seja no caso usado como exemplo do HIV que impulsionou a criação dos medicamentos genéricos, seja hoje com a COVID-19 e a busca de vacinas feitas nunca antes tão rapidamente, às crises globais mostram, que ocorrem retomadas de esforço multilateral para busca de conhecimento e regulação que superem e previnam novas crises. Como apontado por Dallari, temas que antes se viam estagnados, como o aquecimento global, vulnerabilidade social, assimetrias na economia internacional, voltam à pauta de negociação de um multilateralismo renovado, que evoluirão o direito internacional. Assim, apesar da visão pessimista que vários governos atuais trazem para o futuro pós pandêmico, há esperança para a construção do novo.

10/09 - Luis Enrique García Rodríguez Governança Internacional frente às crises 2020: desafios e ações.

O seminário de Enrique García, nos foca mais na questão da região latinoamericana, apresentando as tendências desse local e buscando mostrar as saídas para um estratégia renovada de desenvolvimento.

Em um contexto internacional de quarta revolução industrial, inversão de papéis entre Estados Unidos da América e China, e agora, pandemia do COVID-19, Enrique Garcia apresenta em seu texto “América Latina: la urgencia de una estrategia renovada de desarrollo” (2020), a grandes tendências mundiais. Para listar algumas citadas, o nacionalismo negativo, o questionamento de aspectos da globalização e do livre comércio, avanços tecnológicos, aumento da expectativa de vida, mudanças climáticas, as crescentes lacunas entre os níveis de desenvolvimento, etc.

E dentro de todas essas tendências, existem as específicas da região latino-americana, nomeadamente o ritmo baixo de crescimento econômico, o questionamento da democracia, ausência de consenso de processos de integração e a persistência do que o autor chama de revisionismo fundacional recorrente, em que a cada mudança de governo, é iniciada uma nova gestão partindo da premissa de que a história do país começa a partir daquele instante. (GARCÍA, 2020, p. 52)

Para García essas tendências da região vem se intensificando desde de 2011, e como resultado perdemos importância relativa internacionalmente. O que leva a urgência da América Latina ter uma agenda de desenvolvimento de longo prazo que seja integral e que possa mudar o jogo.

Para García, é através de quatro círculos fundamentais que essa mudança ocorrerá: a estabilidade macroeconômica, eficiência e produtividade, inclusão social e equilíbrio ambiental. E como vimos nos seminários anteriores, a crise do COVID-19 pode ser o momento dessas mudanças.

17/09 – O legado de Sérgio Vieira de Mello Pensamento e ação frente às crises.

O seminário sobre o legado de Sérgio Vieira de Mello, composto por falas dos professores Jacques Marcovitch e Pedro Dallari, fotos, vídeos e filmes, foi uma aula-homenagem ao diplomata brasileiro.

A vida e atuação de Vieira de Mello é de conhecimento imprescindível para aqueles que desejam conhecer as práticas das Relações Internacionais, um dos

aspectos desejados nessa disciplina. Com o seu trabalho em Kosovo, Timor-Leste, Camboja e Iraque, podemos observar como sempre foi defendido acima de tudo os direitos humanos, ultrapassando até mesmo barreiras políticas como exemplificado pela repatriação de cambojanos em áreas onde atuava o *Khmer Rouge*.

Sérgio Vieira de Mello é visto como um herói da paz, que pensou e realizou práticas novas dentro da Organização das Nações Unidas e não por acaso foi o escolhido para realizar a difícil tarefa no Iraque invadido.

Morto em 2003, após um ataque a bomba em Bagdá, o diplomata além de alertar para a importância da segurança como podemos ter a chance de fazer o curso *BSAFE*, deixou um legado muito importante a todos àqueles que querem pensar e praticar as relações internacionais.

24/09 Carlos Lopes - As Economias Emergentes frente às crises 2020: lições e perspectivas.

O seminário do professor Carlos Lopes foi uma grande aula sobre governança global e economias emergentes. Apresentando tendências globais, as limitações da visão tradicionalista de governanças globais e discutindo o continente Africano, a aula apontou para novas perspectivas pós COVID - 19.

As megatendências que Carlos Lopes apresentou se exemplificam com a fome, crise financeira, a importância da China, as ameaças a segurança humana, a tecnologias, etc. A partir dessas tendências, são apresentados cinco pontos de limitações e desafios para o multilateralismo e a governança global: (1) Falhas no quadro regulatório e econômico, (2) Mudanças climáticas, no que tange a falta de coerência econômica provocada pelo não respeito às mudanças climáticas, (3) Manutenção da paz, pois os mecanismos tradicionais deixaram de serem eficazes, (4) Demografia: envolvendo aqui as migrações e refugiados, além da velocidade e localidades de mudança e (5) O poder da tecnologia, que envolvem problemas de regulação, como propriedade tecnológica e intelectual e o deslocamento de valor.

Esses desafios devem ser enfrentados em seus conceitos, métodos e instituições para que surja um multilateralismo renovado. Mas o próprio questionamento dessa ortodoxia que já não consegue acompanhar as novas complexidades já é interessante para a mudança, e a crise do COVID - 19 é o momento em que os países, principalmente os subdesenvolvidos, podem apresentar o novo.

E sobre as mudanças que esses países subdesenvolvidos podem praticar, o professor Carlos Lopes muito ensina a todos que podem ouvi-lo, com um continente africano muito ainda estigmatizado, e podemos observar isso em sua colocação sobre o mapa-mundi e até mesmo nas respostas dos colegas de classe, podemos aprender sobre o desenvolvimento de alguns países e do continente como um todo em exemplos como o combate ao COVID-19, o uso de tecnologias e o potencial energético.

01/10 Carlos Eduardo Lins da Silva - Jornalismo e mídias sociais na construção da nova era.

A palestra do jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva passou por diversas temáticas que envolvem a profissão, tanto no último século como agora durante a era digital. No contexto da pandemia, Lins da Silva aponta em seu texto “Jornalismo pós-pandemia pode ir de volta ao passado” (2020), o que se dedicou em sua fala, ou seja, os questionamentos sobre pressupostos de objetividade e imparcialidade, a sobrevivência dos veículos jornalísticos e a polarização ideológica.

Esses pontos se interligam pois no mundo atual destacado pela polarização política e de abertura de fontes de informação impulsionada pelo meio digital, são buscadas cada vez mais notícias que emitam opinião do que as que façam um jornalismo investigativo e informativo.

Este é um grande problema apontado por Lins da Silva, visto que deveriam ser premissas do jornalismo a busca da objetividade possível, apuração da verdade e o oferecimento de espaço para correntes aceitáveis antagônicas. O contrário desses preceitos são a base para que notícias falsas ou tiradas de contexto surjam e se espalham vigorosamente.

O modo de combate, e a maneira com que o jornalismo e as mídias sociais irão de encaixar na construção de uma nova era é fazer o que Lins da Silva aponta como “fazer um bom jornalismo”, quer dizer, com todas as premissas citadas anteriormente. O jornal seja impresso, seja *online*, deve se dedicar a informações investigadas que comuniquem ao cidadão-leitor as notícias que ocorrem ao redor do mundo de forma que esse último crie opinião crítica por si só e não que aceite opiniões mastigadas de outrem que por diversas vezes, e cada vez mais, se baseiam em notícias falsas ou incompletas.

Assim sendo, os meios de comunicação são essenciais a construção de uma nova era, pois é um veículo que é documento do passado, do presente e que nos ajuda a criar o novo. O jornalismo sério, factual e o mais imparcial possível é o desejável para essa missão.